

Além do feijão com arroz

Mailson da Nóbrega (com Louise Z. Sottomaior e Josué Leonel)

A ascensão de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República em 2002 foi, sem dúvida, o acontecimento político na história do país que com maior força simbólica comprova a existência de mobilidade social no Brasil.

Mas ela teve diversos precedentes, ainda que nem tão dramáticos. Juscelino Kubitschek, cujo aniversário de 110 anos de nascimento se comemora no ano que vem, era filho de um caixeiro viajante, por exemplo. Outro caso exemplar é o de Mailson da Nóbrega, cuja autobiografia, escrita por dois jornalistas a partir de dezenas de horas de entrevista com ele, foi recentemente lançada.

O último ministro da Fazenda do primeiro governo civil após o regime militar, presidido por José Sarney, vem de família muito humilde do interior da Paraíba e teve seu primeiro emprego, aos 10 anos, como descastanhador de caju de uma fábrica de bebidas de sua cidade.

Além do Feijão com Arroz, referência ao lema de sua política como responsável pela economia brasileira em um de seus períodos mais críticos, é um livro que, além de agradável de ler, serve como referência sobre a qualidade de algumas carreiras no serviço público nacional.

Nóbrega foi por toda vida funcionário do Banco do Brasil até se tornar assessor em ministérios econômicos e chegar a secretário-geral e ministro da Fazenda; é o protótipo da pessoa que se fez profissionalmente, com esforço e dedicação, nos quadros do Estado.

Por Carlos Eduardo Lins da Silva**

* Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2010, 588 p.

Esta resenha se concentra nas passagens do livro que tratam de temas de relações internacionais, devido à especificidade da *Revista*, embora eles não sejam nem muitos nem os mais interessantes do trabalho.

Concentram-se nas partes 4 e 5, intituladas “Mr. Nóbrega” e “Senhor Ministro” (uma das inteligentes sacadas da edição é nomear suas divisões com as maneiras pelas quais o personagem principal foi chamado ao longo da vida: Maíto, Mailson, Doutor Mailson, Mr. Nóbrega, Senhor Ministro e Mailson da Nóbrega).

O mundo além do Brasil só começou de fato a fazer parte dos interesses de Nóbrega quando ele foi para Londres, em 1985, como diretor de um banco e consórcio, o Eurobraz, do qual o Banco do Brasil era um dos maiores acionistas (32% do capital) com direito a indicar um dos dois diretores.

Ele ganhou o cargo como uma espécie de compensação política por ter sido convidado e depois desconvidado (devido, soube mais tarde, a um veto a seu nome imposto por Ulysses Guimarães) para continuar, no governo de Tancredo Neves, como secretário-geral do Ministério da Fazenda, posição que ocupara no final do regime militar.

Os dois anos de Inglaterra deram a Nóbrega a oportunidade de ler e estudar temas econômicos com tempo e profundidade que não tinha tido antes, além de aperfeiçoar muito seu conhecimento e domínio da língua inglesa, recursos que lhe foram de grande utilidade nas duras negociações que teve de travar com credores do Brasil, organizações multilaterais e governos estrangeiros nos últimos anos da década de 1980.

Aquele período na Inglaterra foi o da grande revolução liberal liderada por Margaret Thatcher, e Nóbrega teve a chance de testemunhar de perto os debates que a cercaram e viver as consequências reais de suas ações. “Minha temporada na Inglaterra consolidaria a conversão às ideias liberalizantes que me invadiam desde o final do governo Figueiredo, quando comecei a me libertar do que me restava de confiança na eficiência do Estado em dirigir uma economia”.

As privatizações de Thatcher, o *share capitalism*, as parcerias público-privadas, as discussões sobre o Orçamento britânico no Parlamento e na sociedade impressionaram muito o economista Nóbrega, que acumulou então valioso conhecimento para suas missões futuras no governo brasileiro e para suas posteriores funções como consultor.

Os relatos que faz de seus muitos encontros com a direção e os técnicos do FMI na negociação da dívida brasileira, primeiro como secretário-geral do Ministério da Fazenda na gestão de Bresser Pereira e depois como sucessor deste à frente da pasta, são muito vívidos, e neles aparecem vários atores importantes da política externa brasileira, que trabalharam com ele naqueles tempos conturbados, como Marcílio Marques Moreira, Rubens Barbosa, Sérgio Amaral, entre outros.

O célebre episódio do *non starter*, quando o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos vazou para a imprensa o teor da tensa reunião entre o ministro Bresser Pereira e o secretário James Baker, durante a qual o americano descartou por completo e de maneira brusca (usando

a expressão *non starter* para defini-lo) um plano do brasileiro de propor aos bancos credores do Brasil trocar os títulos da dívida antiga por novos com 50% de desconto, é particularmente curioso neste início de 2011, quando o governo dos EUA combate com muita ênfase os vazamentos do WikiLeaks. Se é de seu interesse, o governo americano não só aprecia como realiza por conta própria muitos vazamentos.

Nóbrega aprendeu com as agruras que seu então superior passou. E, ao sucedê-lo, esforçou-se para evitar vazamentos de seus encontros com líderes estrangeiros. Conta, por exemplo, que acertou com o diretor-geral do FMI, Michel Camdessus, os termos do acordo com o Fundo em 1988 num encontro a sós, no seu hotel em Washington.

Outro relato bastante atrativo do livro sobre questões externas é o de como se acompanhou no Brasil a *black Monday* (19 de outubro de 1987), quando o índice Dow Jones da Bolsa de Valores de Nova York caiu 22,6%. “O Ministério da Fazenda soube do *black Monday* pelo Jornal Nacional da TV Globo, o que revela o quanto o Brasil era fechado. A conexão das finanças brasileiras com o resto do mundo era limitada às operações bancárias. Um investidor estrangeiro não podia comprar ações no Brasil nem fazer remessas para o exterior sem autorização prévia do BC.”

Quando foi recebido pela primeira vez como ministro pelo secretário do Tesouro James Baker, Nóbrega disse ter se impressionado com o contraste do ambiente e da rotina de seu colega em Washington em relação ao que ele próprio vivia em Brasília. “Também me surpreendeu no Tesouro a calma do ambiente. As portas ficavam abertas, quase ninguém circulava pelos corredores, numa total tranquilidade. O Ministério da Fazenda era uma zoeira”!.

Também eu, que era correspondente da *Folha* em Washington nessa época, me impressionava com essa diferença. Certa ocasião, localizei o número telefônico do gabinete do secretário Baker e liguei para lá em busca de uma declaração. Quando pedi à pessoa que atendeu ao telefone se ele poderia passar uma pergunta minha ao secretário, ouvi a resposta: “Pode perguntar, sou eu mesmo”. Eu fiz a pergunta e ele a respondeu com toda calma.

Nóbrega diz ter refletido sobre tal disparidade: “Concluí que [ela] se devia ao tamanho da ação do MF sobre a economia: o prédio vivia apinhado de pessoas para participar de reuniões. (...) O Tesouro americano não se envolvia em nenhuma das questões de que tratávamos no MF. Essa era mais uma razão por que o secretário podia dedicar uma hora e 40 minutos para conversar conosco”. E essa é uma das razões por que os cadernos de economia dos jornais americanos tratam muito pouco do Tesouro e de seu secretário: porque a interferência do Estado na vida econômica americana é muitíssimo inferior à do Estado brasileiro sobre a do país.

O livro mistura impressões muito pessoais do autor com documentação importante sobre as questões de que trata e revelações políticas relevantes. O leitor, por exemplo, fica sabendo como Nóbrega destra-

vou o seu inglês quando se viu forçado a falar, de surpresa (e com o decisivo empurrão de seu então assessor Sérgio Amaral) nessa língua numa reunião do BID em 1988 detalhes da negociação de cartas de intenção com o FMI e os bastidores da reunião em abril de 1988 em que se decidiu pôr fim à moratória brasileira, com a posição de quem votou contra e a favor da proposta.

Ele também discorre, ainda que com brevidade, sobre vários eventos internacionais de grande repercussão no final da década de 1980, como a queda do Muro de Berlim, o Plano Primavera na Argentina, a explosão da espiral inflacionária em muitos países da América Latina e como eles tiveram alguma influência sobre o ministro da Fazenda de então.

No capítulo final, o agora consultor Maílson da Nóbrega, que – liberado das obrigações avassaladoras de ministro de Estado – passou a se dedicar com mais afinco à vida intelectual e à leitura regular de periódicos que tratam de relações internacionais como temas prioritários, também conta sua opinião resumida sobre outros fatos mundiais importantes ocorridos depois de sua aposentadoria como funcionário público.

**** Carlos Eduardo Lins da Silva** é diretor do Espaço Educacional Educare e editor da revista *Política Externa*; era correspondente da *Folha* em Washington quando Maílson da Nóbrega foi ministro da Fazenda.